



A INFLUÊNCIA DA MÍDIA NA ESTIGMATIZAÇÃO DE JOVENS E LUGARES DA CIDADE¹

Juliana Aparecida Cantarino Toledo

Universidade Federal de Juiz de Fora

Kátia Oliveira Ferreira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Rayssa Pinto Rezende

Universidade Federal de Juiz de Fora

Vivian Pimentel Araújo

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo

O trabalho busca mostrar como a mídia em Juiz de Fora tem influenciado na reprodução da imagem dos bairros como lugares perigosos, sobretudo a partir de notícias que vinculam o jovem à atos violentos. Através da coleta de dados do jornal de maior circulação da cidade, Tribuna de Minas, foram confeccionados gráficos e mapas que elucidam a relação que a mídia juiz-forana faz de alguns jovens e bairros com a violência.

Palavras-chave: Lugares; Violência; Mídia.

Grupo de Trabalho n.º 14

Desigualdade sócio-espacial e políticas urbanas.

¹ Professora orientadora Clarice Cassab, Doutora em Geografia, professora adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora, clarice.torres@ufjf.edu.br

1. Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa desenvolvida no Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea), intitulada Cidade média e juventude: práticas sociais e projetos de vida dos jovens de Juiz de Fora, que conta com financiamento do CNPq. O objetivo da pesquisa foi buscar compreender como a posição de cidade média de Juiz de Fora, influencia na construção dos projetos de vida dos jovens. Para tanto, inicialmente foi construído um vasto cenário sobre a cidade e sobre a juventude na cidade. Dentre as fontes pesquisadas houve a coleta de notícias de jornais que retratavam aspectos envolvendo a juventude. O trabalho apresentado é um recorte da referida pesquisa e tem como objetivo compreender como as matérias vinculadas pela imprensa local têm influenciado na produção da imagem da cidade como um lugar violento, sendo esta violência, sobretudo, associada à juventude.

Entendendo Juiz de Fora como cidade média, consideramos que esta funcione como intermediadora entre complexos circuitos de escalas, local, regional, nacional e global, possuindo uma centralidade nas redes que conectam os espaços e exercem significativa importância econômica na região.

De acordo com dados do Censo de 2010, Juiz de Fora têm 516.247 habitantes, respondendo por 70,8% da população total de sua microrregião e 23,7% da população total da mesorregião Zona da Mata. A população jovem de 15 a 24 anos de Juiz de Fora, aumentou mais de 4% em relação ao Censo de 2000, a cidade tem, portanto, 87.790 jovens, sendo que 43.782 são homens e 44.008 são mulheres. Os indivíduos nesta faixa etária representam aproximadamente 17% da população total da cidade, isto confirma a necessidade de políticas específicas para este grupo.

O que se tem observado nos últimos anos é o crescente interesse da mídia juizforana em retratar o jovem associando-o a atos violentos ou criminosos o que vem a contribuir para a construção de uma imagem estereotipada deste jovem e dos lugares onde vivem. Nesse sentido o trabalho visa produzir algumas reflexões sobre como a imprensa local tem contribuindo para a produção de um imaginário social que associa os lugares de pobreza à violência, construindo uma imagem negativa de alguns dos bairros da cidade.

2. Metodologia

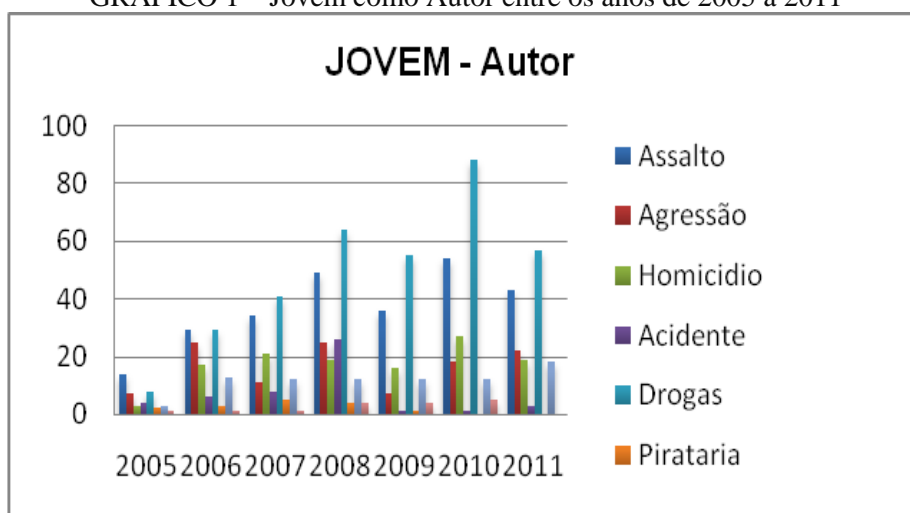
A metodologia do trabalho baseou-se em revisão bibliográfica e no levantamento de notícias e leitura no jornal impresso de maior circulação da cidade – Tribuna de Minas, no período de 2005 a 2011. Nele foram selecionadas e coletadas as matérias que tinham o jovem como autor ou vítima dos seguintes eventos: Assaltos e furtos, agressão, acidentes, homicídios, pirataria e tráfico de drogas. Essas reportagens foram agrupadas em tabelas, conforme as categorias supracitadas.

A partir destes dados foi construído um banco de notícias tendo como elementos: data da publicação, data do evento, tipo e localização na cidade, idade, título e resumo, posteriormente foram elaborados gráficos e mapas – para cada ano – que permitissem a espacialização dos eventos na cidade. Para serem efetuadas as análises desses eventos e conseqüentemente a conclusão do trabalho, optou-se por trabalhar apenas com os mais evidenciados, sendo estes: Homicídio, assalto e Drogas.

3. Uma análise da vinculação do jovem à violência feita pela mídia

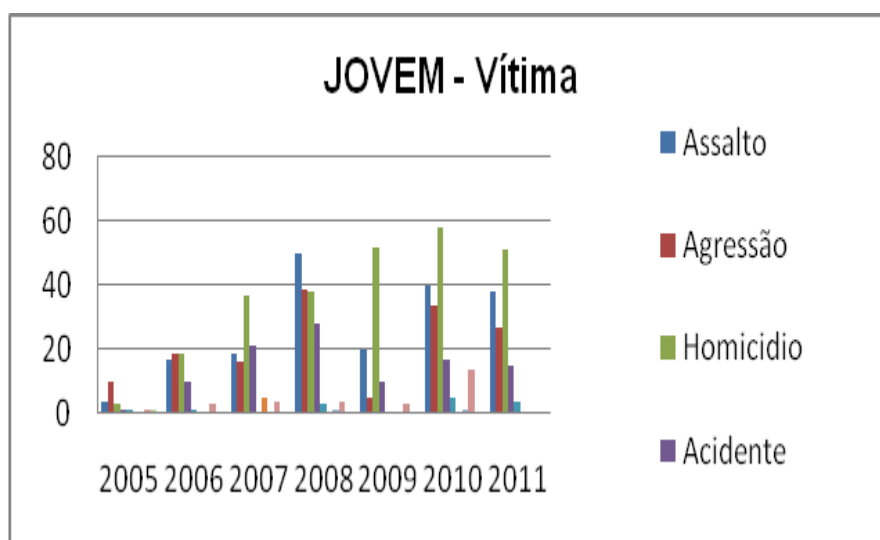
Através da análise dos gráficos confeccionados a partir das reportagens coletadas é possível perceber um aumento gradual no número de notícias que relacionavam os jovens à violência, o que demonstra o crescente interesse da mídia em divulgar esse tipo de informação. Como ilustram os gráficos a seguir:

GRÁFICO 1 – Jovem como Autor entre os anos de 2005 a 2011



Fonte: Banco de dados: Nugea

GRÁFICO 2 – Jovem como Vítima entre os anos de 2005 a 2011



Fonte: Banco de dados: Nugea

No ano de 2005 os casos de jovens associados à violência pela mídia era irrisório; não chegando a 20 ocorrências tanto para o jovem como autor quanto para vítima, já em 2010, esse número ultrapassou 80.

Dentre os eventos tendo o jovem como autor (gráfico 1), assalto e tráfico de drogas aparecem em maior número principalmente no ano de 2010, com 40 e 60 ocorrências respectivamente.

O gráfico 2, que representa os eventos em que o jovem aparece sendo vítima, homicídio e agressão se destacam. Dos eventos retratados, quase sua totalidade localizavam-se em bairros de periferia da cidade, como a Nossa Senhora Aparecida, Linhares e Jôquei Clube. A evidência do número significativo de notícias nesses bairros parece indicar a associação construída pela imprensa local, entre os bairros periféricos e os casos de violência na cidade.

O gráfico 2 aponta o número significativo de jovens vítimas de assalto. No entanto, diferentemente dos jovens vítimas de homicídios, residentes nos bairros periféricos de Juiz de Fora, os casos de assalto que tiveram jovens como vítimas tem, em sua ampla maioria, nos jovens da classe média a principal vítima. É na região central da cidade e em suas redondezas, como os bairros São Mateus, Bom Pastor, Granbery e Alto do Passos, pontos valorizados de Juiz de Fora; os lugares de maior incidência de notícias, todos eles locais de moradia e circulação valorizados da cidade.

Mesmo com o grande número de notícias retratando o jovem como vítima, comparando os gráficos 1 e 2, percebe-se o destaque dado em noticiar o jovem como responsável na maioria dos eventos, visto que, as incidências do jovem como autor,

aparecem em maior número.

Em análise geral, comparados os gráficos 1 e 2 para o evento Homicídio percebe-se que o jovem aparece em maior número como vítima, enquanto para o evento Tráfico de Drogas o jovem aparece como autor; vale ressaltar que estes dois eventos aparecem quase que em sua totalidade em bairros periféricos da cidade e Centro. Já para o evento assalto, o jovem também é representado, em maior número como autor, sendo também significativo o número de matérias que vinculam os jovens como vítimas. No entanto os lugares que este evento se dá se diferenciam dos acima citados, visto que ocorre em sua maioria em bairros nobres da cidade e na região central o que evidencia o jovem de classe média como vítima desse evento.

A violência tem sido atribuída à juventude como se fizesse parte dela, no entanto, a maneira de vivenciar essa fase da vida varia enormemente. Afirmar essa pluralidade é reconhecer que nela estão embutidos fortes elementos de exclusão social, como a localização da moradia, nível de instrução, de renda, tipos de bens de consumo, etc. Recusar esses fatos é tratar a juventude como uma condição provisória, transitória que necessita de monitoramento para que se alcance a maturidade, sendo o jovem considerado inconsequente e violento. É nessa medida que ao atribuir a violência como sendo algo da própria natureza da juventude, desconsidera-se, as diferenças de classe, cor e gênero, que atravessam estes jovens.

Os jovens envolvidos nos casos de violência e retratados nas reportagens têm cor, classe social e residem em bairros específicos. É dessa forma que as matérias vinculadas influenciam na reprodução de uma imagem estigmatizada dos jovens como violentos, estendendo essa imagem aos bairros onde residem. Mas não são todos os jovens e sim aqueles pobres e moradores dos bairros pobres da cidade.

4. O bairro como lugar violento: A influência da mídia na estigmatização

A partir de 1930 o Brasil começou a se industrializar, e como consequência dessa industrialização tardia ocorreu uma efetiva urbanização no país, sendo que a população que chegava à cidade era acima da necessidade de mão de obra das indústrias. Assim começou a surgir uma série de exigências que as cidades não ofereciam tais como rede de água e esgoto, transporte coletivo, iluminação entre outros. Foi preciso formular políticas públicas para regulamentar e planejar a vida urbana, porém essas políticas possuíam caráter seletivo, já que a oferta de serviços coletivos foi

insuficiente ou deficiente nos bairros populares, criando-se assim os fundamentos da segregação urbana e agravando os desequilíbrios espaciais. Tais processos impulsionaram a apropriação desigual do espaço urbano em termos de acessibilidade aos bens públicos, obrigando uma grande parcela da população a morar em lugares afastados, com carência de serviços básicos ou de má qualidade, ou então em áreas de risco. Constata-se, portanto que a distribuição dos equipamentos e serviços é realizada pensando na rentabilidade e no retorno do capital investido, provocando um quadro de exclusão sócio espacial.

Para entendermos essa segregação em Juiz de Fora faremos um resgate histórico de sua estruturação urbana. O município de Juiz de Fora, tem sua origem relacionada ao “Caminho Novo” e sua importância foi aumentando na região da Zona da Mata Mineira à medida que se implantou a estrada União Indústria, e a ferrovia que era uma extensão da Estrada de Ferro D. Pedro.

Devido às características geomorfológicas com relevo fortemente ondulado e vales planos, o centro urbano de Juiz de Fora se desenvolveu ao longo do curso do Rio Paraibuna, primeiramente à margem direita, depois se expandiu pela margem esquerda, sendo que a região Leste da cidade reúne grande parte da população, mas já em outras regiões é bem esparsa como nas regiões Norte e Sudoeste.

Em Juiz de Fora, segundo Tasca² (2002, p. 89 apud VARGAS, 2008, p. 42):

A área urbana, desde o início da urbanização, dividia-se entre famílias tradicionais, que detinham o poder político e econômico, restando à população operária as áreas menos nobres. Com o desenvolvimento, as áreas centrais mais favoráveis devido às suas condições físico-naturais, foram sendo ocupadas pelos segmentos mais privilegiados, levando a população mais pobre para a periferia, com piores condições de relevo.

Percebe-se que a exclusão sócio espacial é um fato histórico no país, sendo assim, em Juiz de Fora não é diferente, em um primeiro momento as famílias tradicionais se instalaram as margens do rio Paraibuna, na zona leste da cidade, e a classe trabalhadora ocupou os morros que encontravam ao redor da planície do rio. Com o desenvolvimento da cidade, o Centro histórico já não interessava mais a classe alta, devido a contração de atividades, pessoas e serviços que essa área contem, passaram a ocupar áreas periféricas da cidade, porém há diferenças entre os bairros periféricos ocupados pela classe alta e os ocupados pela classe baixa, sendo as áreas ocupadas pela

2 TASCAS, Luciane. Juiz de Fora na década de 90: a produção do ambiente construído urbano. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

classe alta possuidoras de toda infraestrutura necessária a vida humana.

Assim por mais que a cidade se reconfigure constantemente a exclusão e desigualdade não deixam de existir.

O que analisaremos nesta parte do trabalho é como a mídia local tem estigmatizado não só os jovens como violentos, através de notícias, mas também os lugares onde esses jovens moram e frequentam. Relacionando assim, a pobreza com violência e criminalidade, já que, em sua grande maioria, as reportagens citam bairros da periferia pobre da cidade.

Primeiramente é necessário entender a configuração da cidade, para que posteriormente possamos compreender os locais que a mídia tem apresentado como violentos. De acordo com o IBGE, 98% da população de Juiz de Fora está concentrada na área urbana, distribuídas em 81 regiões urbanas segundo a Prefeitura da cidade, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 1 – Regiões/Regiões Urbanas de Juiz de Fora

Regiões	Região Urbana PJF/IBGE
Centro	Fábrica, Mariano Procópio, Morro da Glória, Santa Catarina, Vale do Ipê, Jardim Glória, Santa Helena, Paineiras, Boa Vista, Bom Pastor, Vila Ozanan, Poço Rico, Granbery, Centro, Dom Bosco, São Mateus, Santa Cecília, Mundo Novo, Alto dos Passos
Leste	Costa Carvalho, São Bernardo, Cesário Alvim, Vitorino Braga, São Benedito, Grajaú, Linhares, Santa Rita, N. S. Aparecida, Manoel Honório, Bonfim, Bairu, Progresso
Nordeste	Centenário, Santa Terezinha, Eldorado, Bom Clima, Bandeirantes, Granjas Bethânia, Grama
Norte	Barreira do Triunfo, Represa, Benfica, Santa Cruz, Nova Era, Barbosa Lage, Remonta, Jóquei Clube, Jardim Natal, Industrial, Francisco Bernardino, Carlos Chagas, Cerâmica, São Dimas, Esplanada, Monte Castelo
Sul	Salvaterra, Sagrado Coração, São Geraldo, Santa Efigênia, Ipiranga, Teixeiras, Santa Luzia, Bomba de Fogo, Graminha, Cascatinha
Sudeste	Floresta, Retiro, Santo Antônio, N. S. Lourdes, Costa Carvalho, Vila Ideal, Vila Olavo Costa, Furtado de Menezes

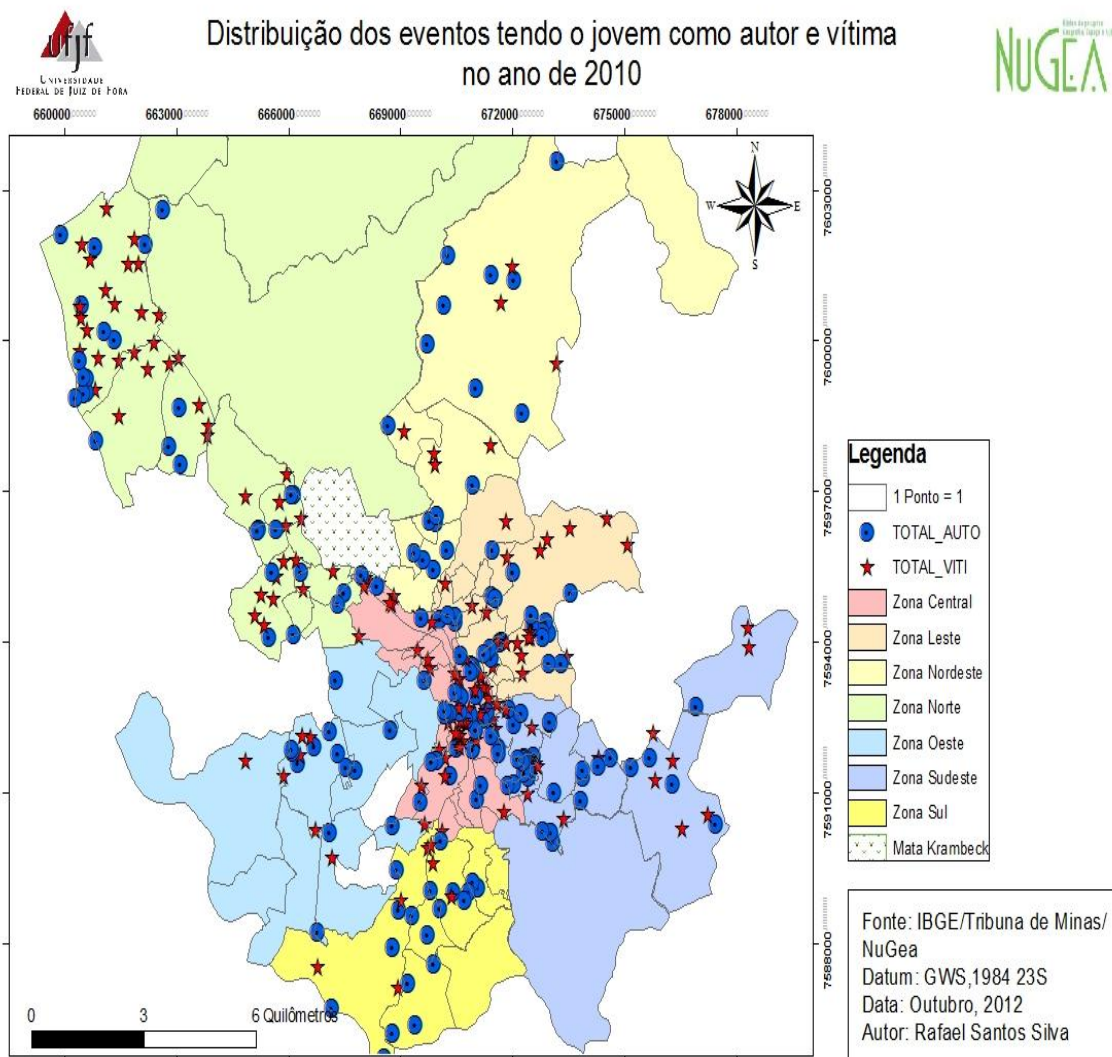
Oeste	Borboleta, Morro do Imperador, São Pedro, Cruzeiro Santo Antônio, Nova Califórnia, Novo Horizonte, Aeroporto, Martelos
-------	--

Fonte: <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/mapas/mapas.php>

Ao realizar o levantamento e tabulação das informações coletadas verificamos que não são todos os bairros, ou regiões da cidade que aparecem nas notícias, mas na maioria das vezes são os mesmos bairros, embora aconteçam eventos de violência em várias outras partes da cidade. Tal fato reforça a imagem negativa de determinadas áreas da cidade e assim, muitas pessoas evitam circular por elas.

O mapa abaixo permite ilustrar a espacialidade dos eventos, possibilitando visualizar as zonas da cidade com maior número de notícias sobre violência relacionada ao jovem.

MAPA 1: Distribuição dos eventos tendo o jovem como autor e vítima, 2010



Fonte: Banco de dados: Nugea

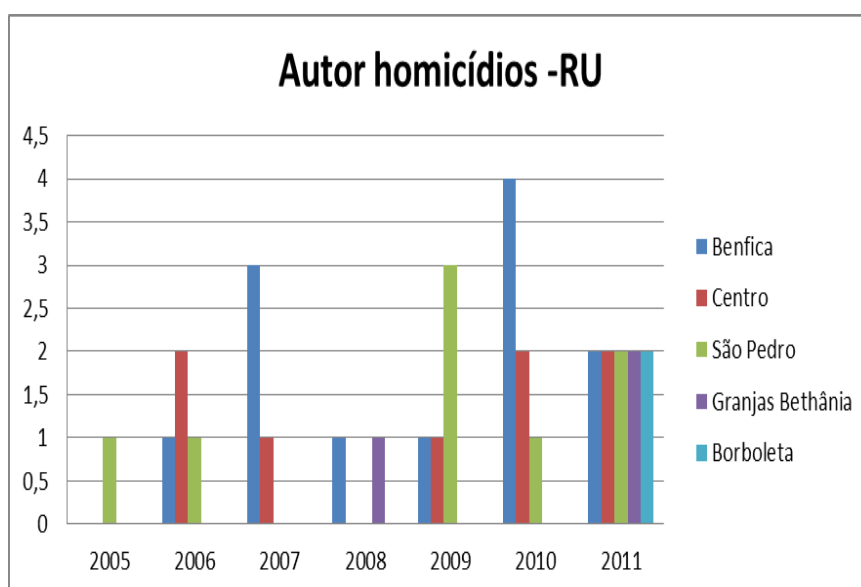
O Centro da cidade de Juiz de Fora por concentrar várias atividades e ser o lugar de maior circulação de pessoas apresenta um grande número de reportagens relatando a violência praticada por jovens, sendo este em sua maioria os autores do evento.

Os outros bairros que mais se destacam são: Benfica, Santa Cruz, Ipiranga, Vila Olavo Costa, Linhares, Nossa Senhora Aparecida e Vitorino Braga, sendo estes pertencentes às zonas Norte, Sul, Leste e Sudeste. Verifica-se um maior número de reportagens relacionando o jovem como autor na maioria desses bairros, exceto em Benfica, onde autor e vítima aparecem de forma equivalente.

Quando verificadas as condições dos bairros mais retratados nota-se que são eles, predominantemente, mais populares, sinalizando para a ligação atribuída pela imprensa entre violência/criminalidade e pobreza.

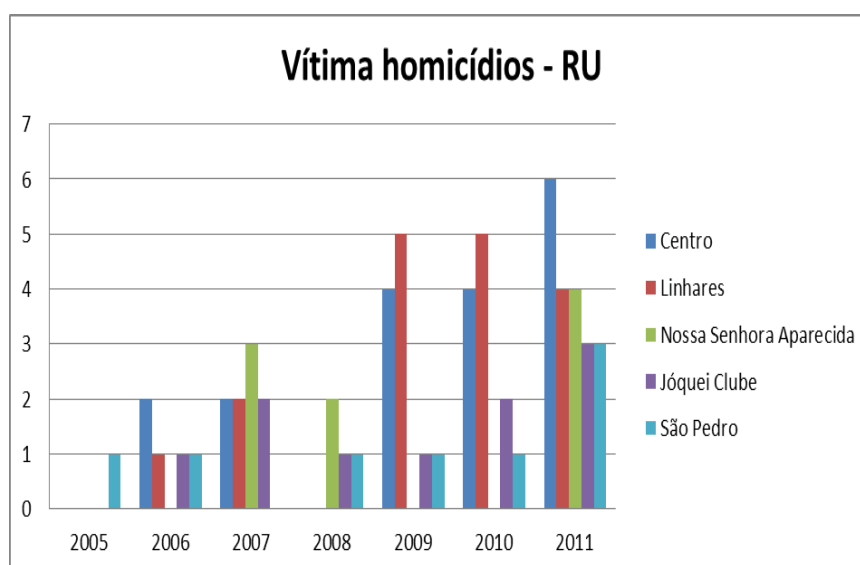
Para melhor citarmos a estigmatização desses lugares em favor das informações dadas pela mídia envolvendo jovens, analisaremos detalhadamente os gráficos construídos a partir da pesquisa dos principais eventos destacados nas reportagens sobre: Homicídio, Assalto e Drogas. Através dessas análises poderemos traçar quais os bairros que tem sido mais noticiados e conseqüentemente rotulados como violentos.

GRÁFICO 3



Fonte: Banco de dados: Nugea

GRÁFICO 4

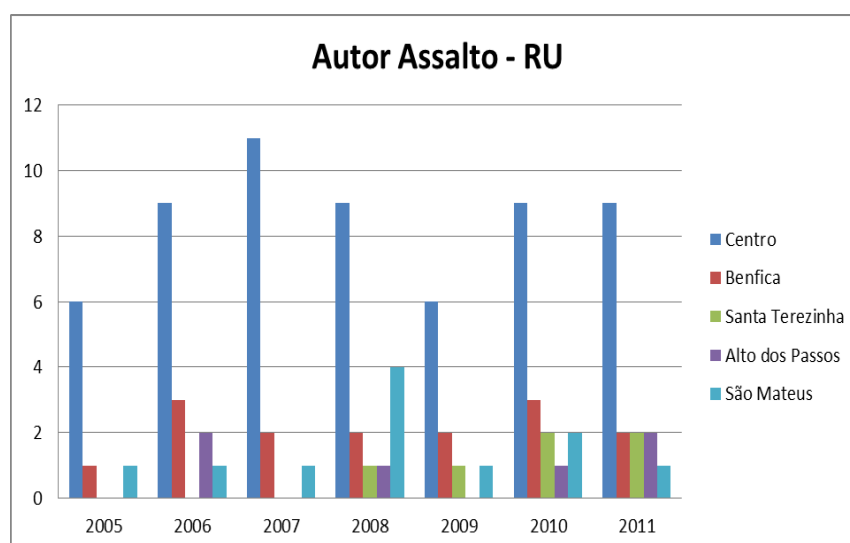


Fonte: Banco de dados: Nugea

Percebe-se um aumento gradual no número de notícias envolvendo jovens aos casos de homicídio, com destaque para os anos de 2009, 2010 e 2011 para ambos os gráficos. Porém o que também se nota é o maior número desses jovens como vítimas, em relação ao número de jovens como autores.

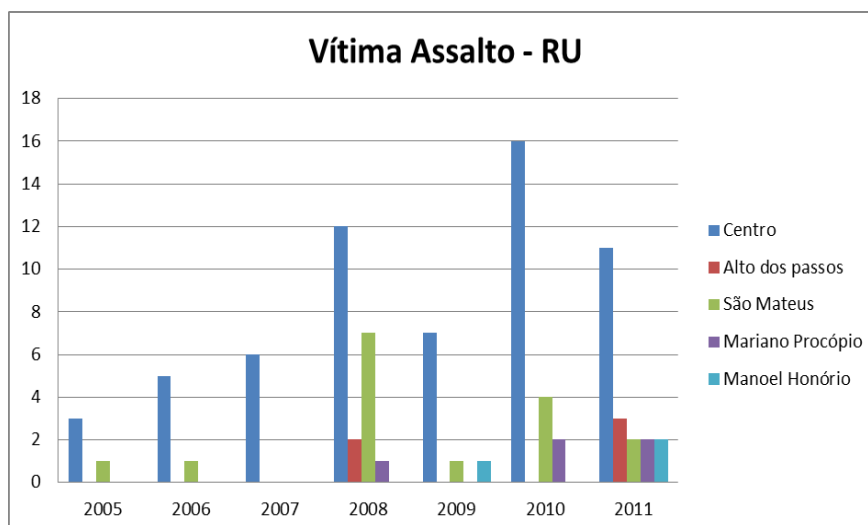
Em análise, o gráfico 3, tendo o jovem como autor do evento Homicídio é possível verificar os bairros que se destacam em número de ocorrências: Benfica, especialmente no ano de 2010, São Pedro e Centro. Já considerando o jovem como vítima, gráfico 4, ganham relevo o Centro, Linhares e Nossa Senhora Aparecida.

GRÁFICO 5



Fonte: Banco de dados: Nugea

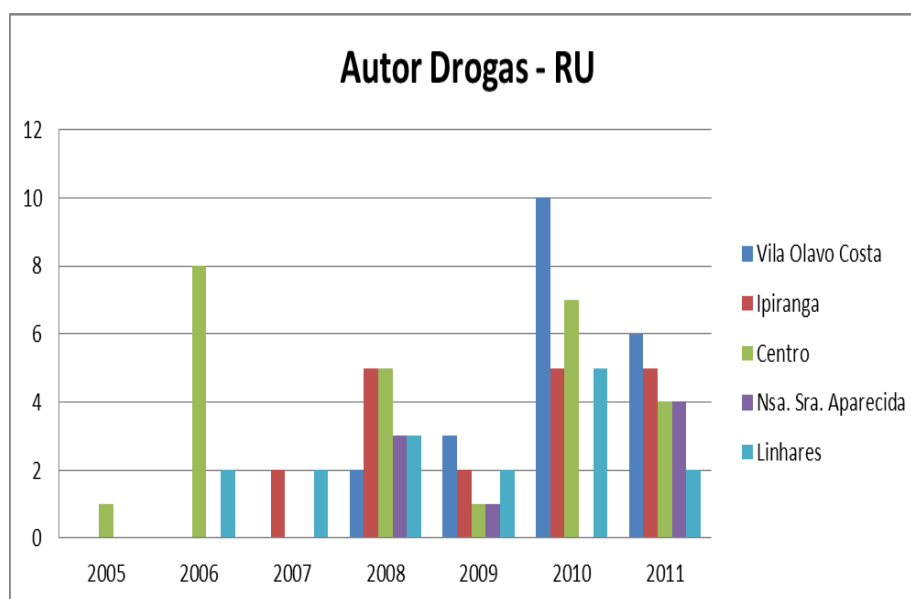
GRÁFICO 6



Fonte: Banco de dados NuGea

Em análise dos gráficos 5 e 6, autor e vítima de assalto, o Centro aparece em posição de destaque em relação aos outros bairros citados.

GRÁFICO 7



Fonte: Banco de dados: Nugea

No evento drogas o jovem aparece apenas como autor. Nota-se que o número de ocorrências e bairros envolvidos aumentou significativamente a partir de 2008, com ênfase em 2010.

Dentre os bairros evidenciados nas ocorrências, o Vila Olavo Costa se destaca,

seguido pelo Centro e Ipiranga respectivamente.

Após a análise dos gráficos se torna notório o acréscimo de reportagens envolvendo jovens e o acréscimo gradual do número de bairros retratado como *locus* da violência praticada pelos jovens. No ano de 2005, em todos os gráficos, apenas um bairro aparece, já no ano de 2011 temos um número bem maior. No entanto é importante ressaltar, que não necessariamente houve um aumento real dessas ocorrências, mas um maior interesse da mídia em retratar os eventos envolvendo estes jovens e conseqüentemente os seus locais de circulação e residência, como violentos.

5. Considerações finais

O individualismo moderno faz com que suspeitemos do outro e de suas intenções, recusando-nos assim “a confiar na constância e na regularidade da solidariedade humana” (BAUMAN, 2009, p. 16), com isso a sociedade atual substitui as comunidades solidamente unidas pelo “dever individual de cuidar de si próprio e de fazer por si mesmo”, (BAUMAN, 2009, p. 16) logo “a insegurança e a ideia que o perigo está em toda parte são inerentes a essa sociedade” (BAUMAN, 2009, p. 16).

Essa sensação de ameaça constante a segurança pessoal tem sido um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação. A sociedade do espetáculo se aproveita de uma problemática da modernidade para conquistar público e aumentar seus lucros.

O outro, tratado como bandido é identificado como pertencente às classes desfavorecidas, contribuindo para que essa classe pauperizada seja facilmente estigmatizada, fazendo com que dessa forma recaiam sobre “os pobres” todas as suspeitas dos atos de vandalismo, violência, banditismo, etc. “Torna-se evidente que, no cotidiano, somente pelo fato de o indivíduo ser pobre aumentam as chances de estar mais exposto a situações de violência: a própria condição de pobreza já é em si uma violência.” (Koga, 2003:50,51). Porém essa sociedade transforma vítimas da violência das classes mais pobres do Brasil em criminosos, uma distorção que é cinicamente manipulada pela mídia.

Assim a mídia juizforana ao vincular sistemática e progressivamente os jovens com a violência, acaba por estigmatizar os locais de circulação e os bairros de moradia desses jovens, sendo estes bairros, como visto, situados nas zonas periféricas da cidade, carentes de infraestrutura, criando no imaginário da população lugares na cidade

considerados do perigo e do medo, que devem ser evitados de frequentar, reforçando a segregação sócio espacial.

Bibliografia

BAUMAN, Z. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2009.

FRAGA, P.C.P.; LUNIONELLI, J.A.S. **Jovens em Tempo Real**. Rio de Janeiro: DPEA, 2003.

GUIMARÃES, M.T.C.; SOUSA, S.M.G. **Juventude e Contemporaneidade: Desafios e Perspectivas**. Goiânia: UFG, 2009.

KOGA, Dirce. **Medidas de Cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Miriam Monteiro. **Plano Estratégico e diretor de Juiz de Fora: Modelos contraditórios ou complementares**. Dissertação (Mestrado em planejamento urbano e regional) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SALES, Mione Apolinário. **(In)visibilidade perversa: adolescentes infratores como metáfora da violência**. São Paulo: Cortez, 2007.

Prefeitura de Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/mapas/mapas.php>. Acesso em 07 de abr. 2013

VARGAS, Maria Auxiliadora Ramos. **Construção Social da Moradia de Risco: Trajetórias de despossessão e resistência – a experiência de Juiz de Fora**. 2006. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Banco de dados Nugea. Disponível em: www.ufjf.br/nugea. Acesso em 10 de Maio. 2013.